

# Crônicas

Rosani Vidal

Crônicas – Rosani Vidal

VIDAL, Rosani. (2022) Coleção de Crônicas do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos -Passo Fundo, Monografia, 8 páginas

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 02/06/2016

Título : CHÁ DO QUÊ

Categoria: Crônicas

Descrição: Eu José, vivia numa casa confortável, em um bairro calmo e com uma bela vista para o centro de Passo Fundo.

## CHÁ DO QUÊ?

Eu José, vivia numa casa confortável, em um bairro calmo e com uma bela vista para o centro de Passo Fundo. Nossa casa era mista, sendo a parte superior de madeira e a inferior de alvenaria. Havia ainda um porão, que era necessário na época, pois muitas coisas precisavam ser armazenadas, como por exemplo, a lenha para manter o fogão aceso aquecendo assim a casa no inverno. Na parte de trás da propriedade, havia um belo pátio com várias árvores frutíferas e uma era especial, o pessegueiro. Neste, não eram as frutas que o tornava tão interessante e sim sua principal causa de, ali, existir.

Podemos nos definir como uma família com padrões rígidos, comandados por uma mãe muito presente e um pai que delegava esses poderes a ela, pois era conhecedor do caráter de sua esposa. Assim, éramos ensinados com muito carinho e algumas chineladas a seguir esses preceitos. Será?

Ao nosso lado morava o sargento Muralha. O apelido surgiu de um comentário feito por um amigo, que olhando o emaranhado sobre a cabeça, para tapar a careca, comentou:

“Olha! Parece uma muralha”! Devido ao hábito de repartir a pouca cabeleira ao pé de uma das orelhas e levá-lo até o outro lado da cabeça, tapando assim o coco pelado. As cenas hilárias ocorriam em dias ventosos quando o vento causava estragos no topete e um dos lados acabava com uma vasta cabeleira até o ombro e do outro lado, nada. Rapidamente a língua era passada nos dedos e com uma habilidade de causar inveja a muito fabricante de gel, o penteado voltava ao lugar, lustroso e cuspido formando a muralha para esconder a calvície.

Meus amigos, que saudades! Os apelidos revelavam um pouco de nossa personalidade e dotes físicos, então éramos os cinco “mosquiteiros”: Anjo, Mabela, Marmota, Chulapa e eu José.

Da janela da nossa sala de jantar, tínhamos uma visão privilegiada de Passo Fundo. A primeira coisa que víamos era a fábrica da Brahma. Ainda me lembro da sirene para chamar os colaboradores. Colaboradores? Sim! Pois trabalhar em uma cervejaria e ser funcionário? Não faz sentido. Ninguém precisava de relógio, pois ela anunciava 8h, 12h, 13h30min e 18h. A passagem de ano só era comemorada, quando a fábrica anunciava, com um longo silvo de sirene, que a hora havia chegado: Tim-Tim, Feliz Ano Novo!

Mais lugares interessantes eram vistos, como o terreno do vizinho, que era uma pérola. Para dar início as nossas junções, um assovio que funcionava como um rastilho de pólvora anunciava, como os foguetes em algumas cidades, que a “dita cuja” se fazia presente. Em segundos estávamos reunidos e a farra começava. Inalar o “produto”, deixando-o transitar pelos aparelhos respiratórios, ir até os pulmões, e em postura de meditação soltá-lo vagorosamente, definitivamente entrávamos no céu.

Nada podia ser desperdiçado. Criamos até um “fumador” para sugar até a última ponta, pois estávamos cansados de explicações sobre as queimaduras constantes nas pontas dos dedos.

Chegamos à conclusão que deveríamos ter nossa própria plantação. Onde? É claro! No terreno do Sargento Muralha! Confesso que a ideia não foi nossa e sim, foi um oferecimento do terreno. Ele nos mostrou o quanto era seguro, escondido atrás de uma casa, que o Sargento locava. Nem janelas havia para os fundos, somente um pedacinho de chão mal tratado, definitivamente muito sozinho, que precisava ser envolvido, ser fecundado. Aceitamos a oferta, mesmo porque ele já havia até preparado o pé de pessegueiro. Pé esse que cresceu em nosso quintal e pelo clamor do amigo deitou-se por sobre a cerca, formando uma passagem, para que lá fôssemos dar continuidade a “sua” vontade.

Tudo foi planejado para um sábado à tarde. Dia de pouca movimentação no pátio da vizinhança. Da nossa varanda, Mabela ficou em guarda, para denunciar possíveis investidas do “inimigo”, enquanto Chulapa, Marmota e eu, fomos limpar o terreno e Anjo, o mais indicado, foi buscar as mudas.

Ouvimos o carro parando em frente a casa. Anjo desceu com uma caixa de isopor lacrada. A vizinhança, curiosa perguntou: “Vai ter festa”? A resposta de Anjo foi verdadeira.

-Vai sim! Porém, vai demorar um pouco.

Chegou! Estava em nossas mãos, víamos agricultores incrivelmente hábeis. A plantação foi rápida e organizada. Um abria a cova, outro largava a planta e tapava com terra e o terceiro regava. Deslizamos por sobre o pessegueiro e voltamos triunfantes ao nosso lado. Sentamos satisfeitos, agora era só aguardar. Então ouvimos o Sargento movimentando-se pelo terreno, o que no começo, nos deixou apreensivos, Como esse era grande, parou em baixo de um pé de chuchuzeiro e minha mãe de uma das janelas

de nossa casa, cumprimentou-o e os dois tagarelaram por um bom tempo. Conversa essa que se hoje, eu, estivesse vivo renderia muito riso.

O sargento contou que em certa ocasião, cortou uma rama do chuchuzeiro e verteu tanta água, formando-se uma vala imensa no terreno, indo parar onde? Atrás da casa alugada. Sinal de alerta! Vai que convide a minha mãe para mostrar o estrago feito. Mabela entrou em ação. Correu e perguntou sobre os cachorros, codornas... Graças a Deus o papo terminou ali e o sargento voltou para sua casa, Ufa! Alívio.

Os pés vingaram, tornaram-se robustos, começamos a tirar as folhas e a secá-las em baixo do porão. A produção era boa, dava para nosso consumo, deu até para fazer uma reserva. Os dedos, enfim poupados, já não apresentavam mais as pontas queimadas e o “fumador” desapareceu.

Então o inesperado aconteceu. Numa tarde, estava no quarto do meu irmão mais novo pegando algumas roupas “emprestadas”, quando ouvi Muralha gritando:

- João vem cá! Quem plantou esses pés de mandioca aqui no terreno?

-Mandioca? Deve ser erva brava! Amanhã dou uma olhada.

Pânico! Quieto fiquei, esperando e rezando para o sargento sair dali. Quando as coisas aquietaram, sabia que uma atitude radical tinha que ser tomada. Fui para a janela e assoviei, com toda força e tristeza. Em minutos a turma estava reunida. Passamos por sobre o pessegueiro e arrancamos, arrancamos, arrancamos...

O porão ficou entupido de folhas e nos revezávamos para que a secagem fosse bem sucedida.

Então numa manhã, vindo do trabalho, comecei a chegar perto de casa e um cheiro me levou ao céu, e em um segundo, um sinal de pânico brotou do estômago, causando náuseas de medo fazendo os pés criarem asas. Comecei a correr. Não achava a chave.

Tive que tocar a campainha. Minha mãe abriu a porta, estava com as bochechas vermelhas e o cheiro veio como um soco no nariz. Perguntei: Mãe! Que cheiro é esse?

-Meu filho! Descobri um chá maravilhoso no porão...

Data : 17/06/2016

Título : DO QUE UM FUCA É CAPAZ!

Categoria: Crônicas

Descrição: Como sempre fazíamos, uma vez por mês vínhamos visitar a “parentada” em Passo Fundo e arredores.

## DO QUE UM FUCA É CAPAZ!

Como sempre fazíamos, uma vez por mês vínhamos visitar a “parentada” em Passo Fundo e arredores. A saída era de Bagé, onde residíamos no momento. Havia uma parte sem asfalto entre a cidade de Cruz Alta e Santa Bárbara, onde era a primeira parada, pois lá morava minha irmã. Quando chovia tinha que ter “braço” para dirigir neste pedaço.

Gomes, muito metido, achava ser um dos melhores, um legítimo mestre na arte de dirigir no barro. Além do mais, tinha feito um curso de direção defensiva, onde aprendera a se defender de tudo e de todos, incluindo estradas enlameadas.

Nesse curso aprendeu um mantra, usado sempre que alguma infração era cometida por outro motorista dizendo: - Olha o que aquele tarado está fazendo! De forma que, gratuitamente recebíamos uma aula de como fazer certo.

Aprendeu ainda a andar a 80 km por hora, independente da situação da via. Estrada boa? 80 km por hora. Estrada crítica? 80 km por hora. Trecho embarrado? 80 km por hora... Foi assim, que com um glorioso fuscão tala larga, andando nesse pedaço sem asfalto, que começamos a derrapar e deslizamos barranco acima. Diz uma lei da física que tudo que sobe desce, e foi este o resultado: fuscão virado com as quatro rodas apontando para o céu.

Carros começaram a parar para nos dar auxílio, mas estava tudo dentro do cronograma do curso. O cinto de segurança era item obrigatório, graças a Deus, estávamos intactos. Na sequência, Gomes sacou um celular Nokia parecendo um tijolo com antena, ligou para o cunhado de Santa Bárbara que veio nos buscar com seu possante corcel, que nos foi emprestado para darmos sequência à viagem e o fuscão ficou com ele para os devidos consertos.

Ficamos em torno de uma semana entre Passo Fundo e Água Santa, onde moravam meus pais.

Hora de voltar. Fomos até Santa Bárbara buscar o precioso, agora, sem amassados e mais brilhante que uma Mercedes. Entramos na joia rara, tchau! Beijo para todos e mete o pé no acelerador até a marca: 80 km por hora.

Eis que, na saída da cidade, bem em frente à imagem, que dá o nome a esta, uma camionete invadiu nossa pista e Gomes aos berros gritava: - Olha o que o tarado está... Não concluiu a frase e a batida foi inevitável. Novo amassado, nova oficina e novo empréstimo do corcel, pois tínhamos que estar em Bagé naquele dia.

Passado algum tempo o cunhado ligou para novamente buscarmos o carro. O “motorista”, desta vez, veio só. A viagem de retorno transcorreu sem percalços. Chegando à Bagé a joia rara foi lavada, lustrada e se por eventualidade houvesse ficado alguma sujeirinha, essa foi retirada com a ponta do dedo e novamente lustrada com a manga da camisa e foi para a garagem, para assim evitar novos percalços.

Domingo à tarde assistindo um bom futebol, Gomes foi chamado na Santa Casa de Caridade de Bagé, para atender uma urgência.

Lá fomos nós com o glorioso, pegamos uma via preferencial e mete pé no acelerador, quando de repente um chevette cortou nossa frente.

-Olha o tarado!!!

Pé no freio até o fundo para evitar a colisão, escapamos por muito pouco. Porém, o ato contínuo quase resultou em morte.

E o paciente? Foi por alguns momentos esquecido e o próximo, a estar na mesma situação, não sei qual seria. O “motorista” foi atrás do “tarado”. Tentei trazer a razão para aquele momento tão delicado, mas não houve! A raiva suplantara tudo.

O chevette parou e nós paramos atrás, vi o homem abrir o porta-luvas e gritei:

-Ele tem uma arma!

Não fui ouvida, na boca do “motorista” estava à mãe do “tarado” com todas as práticas de uma excelente prostituta.

O homem veio com uma navalha entre os dedos e toda habilidade de manuseio. Essa veio procurando, com silvos cortando o ar, a garganta de Gomes, que se defendia dando chutes para manter a distância. Gritei! Chegou a turma do “deixa disso” e assim a briga saiu sem mortos e feridos.

Alguns dias se passaram e novo chamado para atender uma emergência. Lá se foi Gomes novamente.

Chegando ao hospital, surpresa imensa. Ao abrir a porta da sala de emergência, sabem quem estava deitado sobre a maca em mau estado?

Conclusão: Aquele que você quer matar num dia, no outro, pode ser o seu salvador.

Data : 27/04/2016

Título : PRESENTE PENOSO

Categoria: Crônicas

Descrição: Certa feita, morando em Bagé, ouvi baterem à porta em um sábado à noite

Certa feita, morando em Bagé, ouvi baterem à porta em um sábado à noite. Ao abri-la deparei-me com um caboclo acompanhado de uma galinha viva que trazia embaixo de seu braço. Cumprimentamo-nos e me perguntou:

- O Gomes está em casa?

- Não! Respondi.

Em ato contínuo, esticou os braços com a penosa em minha direção dizendo:

- É para ele, em agradecimento.

Estava sozinha e sem saber o que fazer, falei:

- Não é necessário!

A resposta veio sem deixar espaço para qualquer outra objeção.

-Faço “questã”, falou.

Bem, para um bom entendedor essa palavra não deixava dúvidas, e dito dessa forma é derradeira.

Ao me oferecer a mesma, já veio com as garras em riste, debatendo-se. Meio sem jeito, agarrei a “bicha” e coloquei-a sob o braço, já meio lanhado. Com um sorriso, o melhor que pude oferecer para tal momento, agradei.

O caboclo tirou o chapéu, encostou-o ao peito, virou-se com todo garbo e foi embora.

Fechei a porta e estava ali com aquele ser jurássico. Naquele momento, entendi a ciência: o bicho era realmente um pequeno compsognato, o menor dinossauro parecido com uma galinha. O que fazer? A pergunta não podia calar, e algum lugar haveria de ser achado, dentro do apartamento, sob pena dela empoleirar-se na guarda da cama. Não!

Isso jamais, pois definitivamente iria acordar com a cabeça defecada.

Estava parada em frente à cozinha, sempre com a criatura sob o braço, quando senti um calorzinho bem localizado, sob a nádega direita. Encarei a “bicha” e ela de maneira atrevida retrucou o olhar e ainda cerrou os olhos por um momento. Entendi claramente a mensagem de prazer, ao atingir-me com algo molhado e não muito cheiroso.

Um lugar era tudo que precisava para alojá-la rapidamente. Então, de maneira atabalhoada dirigi-me para a área de serviço que me recebeu de portas abertas e entrei no banheiro. Viva o banheiro! Pronto o local era aquele. Amarrei-a com todo cuidado por uma das pernas, no vaso sanitário. Coloquei arroz e um pote com água pertinho dela. Fechei a porta com grande alívio. Pronto primeira etapa cumprida.

Olhei para o apartamento vizinho, através da tela, que contornava o poço de luz e separava as duas moradias e concluí que o mesmo continuava desocupado. Ainda bem, como eu poderia explicar a presença de uma galinha para estranhos? Ledo engado! Já estava ocupado. Nesta área de serviço, o único local que não enxergávamos o

apartamento ao lado, era onde se localizava o tanque, porém subindo nele, havia livre acesso, pois a parede acompanhava a altura da tela.

Gomes ao chegar foi informado do presente e sabedor da presença do inesperado e estranho hóspede. O que fazer? Matar? Quem? Eeeuuu? Jamais! Definitivamente jamais.

Fomos dormir com o dilema “galináceo”.

Às cinco horas da manhã acordei com um: “Cóóó, Cóóó”... Pensei O QUE É ISSO SENHOR? A coisa se repetiu e tornava-se cada vez mais enfática.

Comecei a ouvir movimentação no apartamento inferior. Deu! Vamos ser expulsos do prédio. Levantei rápido e fui ao banheiro, da galinha, é claro, e me deparei como um cheiro e cena lamentáveis. Havia cocô de galinha na parede, no vaso, no chão. Ainda bem que o teto havia escapado.

Matar! Esse sentimento ficou quase incontrolável, porém a pena da galinha, ou seria pena de galinha, já não sabia mais, era maior.

Porém às dez horas da manhã os cacarejos levaram ao ato insano, MATAR! SIM! MATAR! POR QUE NÃO?

Gomes foi convocado de livre e espontânea vontade para segurar a galinha. Estávamos no tanque - naquele que você só tinha acesso ao vizinho, subindo nele - e não sabíamos que do outro lado, estava um tenente do exército que havia locado o apartamento. Esse ouviu o seguinte diálogo:

-Vamos matar essa infeliz.

-Eu não vou fazer isso, falou Gomes.

-Vamos, sim! Eu seguro as pernas e você torce o pescoço.

-Nem morto...

-Então você pega o revólver e dá um tiro na cabeça dela. Pronto! Vai morrer!

Gomes continuava na recusa. Quando ouvimos uma voz apavorada:

-Bom dia! Ah! Graças a Deus! É só uma galinha! Achei que estava vivendo ao lado de pessoas muito estranhas. Estava o vizinho sorridente, empoleirado sobre o tanque dele, nos olhado. Muito sem graça, cumprimentamo-nos e apresentamo-nos, e é claro que falamos sobre como matar galináceos. Segundo ele, tarefa fácil: arrancar as penas do pescoço da galinha viva, e cortá-lo. Fácil... Falar era fácil, sim. Mas fazer? Nem tanto.

Perguntei:

-Deixa a infeliz sangrando até morrer?

-Sim! Vai ser muito rápido, irá se debater um pouco.

Em ato contínuo entreguei a faca em suas mãos, que rapidamente me foi devolvida.

-O corajoso homem, ao meu lado, escutou o toque do telefone. Vou deixar bem claro que, somente ele o ouviu e veio com o seguinte comunicado: Chamaram-me para uma urgência, urgentíssima. Lá estava eu novamente decidindo o futuro da penosa. Lembrei então como minha mãe matava as coitadas. Pegava no pescoço bem firme e fazia uma manivela com o corpo. E vamos lá. Fiz! Soltei a “bicha” e essa com o pescoço despencado para todos os lados e de asas abertas saiu correndo pelo corredor. No desespero fui atrás. Agora tinha que dar cabo, pois a pobre estava em sofrimento.

Peguei um martelo e tentava no desespero acertar a cabeça. Assim, quebrei duas lajotas e outras coisas que foram parar na mira do martelo enfurecido, até que finalmente acertei o alvo. Pronto! O crime estava consumado. Então comecei a sentir um forte cheiro de fezes. Qual não foi minha surpresa desesperada, ao olhar o ambiente em que estávamos. Ao tentar quebrar seu pescoço a via “rebostérica” afrouxou e conforme ela era girada as fezes foram fazendo círculos, e desta vez nem o teto escapou. Que merda! Assim, concluí com toda certeza: Galinha boa é galinha morta

Data : 30/01/2016

Título : SALADA DE FIGO OU FÍGADO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Antes de começar a história, tenho que confessar um hábito familiar, que já nos colocou em várias situações engraçadas e inusitadas e que chamamos vulgarmente de espírito de porco.

Antes de começar a história, tenho que confessar um hábito familiar, que já nos colocou em várias situações engraçadas e inusitadas e que chamamos vulgarmente de espírito de porco. Explicando melhor, é a mania de falar e o outro não entender nada do que foi dito e ainda assim, concordar. Pior ainda, dar-se o direito de dar pitacos na prosa. Aí é que a confusão começa. Geralmente quem está no comando da situação - ou pensa estar - diverte-se muito, até o momento em que nem ele mesmo sabe bem, do que se está falando. Assim, começa a história onde um simples figo, vira o protagonista num episódio entre duas pessoas.

Meu marido Sebastião, gosta de cozinhar e como todo bom cozinheiro, também é arrojado e detalhista nas combinações. Ivone nossa parceira, igualmente competente e criativa, tem um dom especialíssimo em transformar ideias em verdadeiras delícias e tivemos a felicidade de dividir momentos de muito carinho, amizade e alguns sofrimentos que a vida impõe. Continuamos nutrindo uma imensa paixão por ela. Os dois formavam uma dupla perfeita na cozinha. Sebastião matutava as combinações e os ingredientes, a dupla planejava as proporções e Ivone com maestria, desenvolvia o prato. Geralmente o produto final tornava-se uma ótima guloseima, com exceção do frango com iogurte, que ao invés de ser a refeição, digamos principal, quase se tornou a sobremesa, já que

o iogurte usado, ao invés de ser natural, era o adoçado. Foi só um pequeno engano, ou quem sabe, Ivone havia sido contaminada pelo “tal” espírito.

Dentre os hábitos sagrados da casa, o café da manhã é hourconcur e era a hora mágica das combinações culinárias.

Numa manhã, na cozinha, enquanto me servia com os ingredientes disponíveis para um bom café e enfrentar a labuta diária, Sebastião e Ivone, a dupla inventiva em novas experiências culinárias, entrou em ação e pude ouvir o seguinte diálogo:

-Hoje, vamos fazer uma salada, como prato principal, com os seguintes ingredientes:

Rúcula, queijo branco, cebola roxa, pimentão vermelho, tomate cereja e figo.

As dúvidas, como normalmente acontecia, surgiram e tinham de ser bem esclarecidas por parte de Ivone.

-Figo? Pego os da bandeja?

-Sim, respondeu Sebastião.

-Como faço? Tiro a pele? Como coloco na salada?

-Pega o figo, lava bem, corta em quatro, mistura com o queijo já em lascas e com o restante dos ingredientes.

-Doutor? Coloca os “figo” cru na salada?

-Sim! Responde Sebastião.

-Você conhece outro jeito de comer o figo?

Claro! Responde ela. Frito, e bem frito!

O espanto e a imaginação ficaram estampados no rosto de Sebastião.

-Figo frito? Nunca comi! É bom?

-Uma delícia! Na minha casa só se come assim, disse Ivone.

A curiosidade atiçava a imaginação.

-Como você faz os figos fritos?

-Ora! É muito simples, tiro a pele, tempero, passo na farinha de trigo, no ovo e depois na farinha de rosca. Ou então só passo na farinha de mandioca. Também fica bom.

Nessa miscelânea, comecei a ter dúvidas do que iríamos comer no almoço.

Então lembrei a manhã, em que Ivone não estava muito bem. Perguntei se estava com algum problema, e ela prontamente respondeu:

“Tá me doendo os “figo”, passando a mão sobre a região abdominal.

E na cozinha aquela conversa doida prosseguia.

-Doutor, se colocar os “figo” cru não vou ter coragem de comer.

Entendi o que era figo para um e para outro.

A vontade de continuar ouvindo era muito grande e principalmente concordar que iria sair sangue dos “figo”. Isso, para o “espírito de porco” faz muito bem! Enfim, não é todo dia que os figos sangram.

O melhor a fazer era ficar bem quieta e torcer para que finalmente houvesse algum entendimento. Caso contrário, o que teríamos no almoço? Salada com fígado cru ou salada com os “figo” frito.